

Igreja: a fluidez do sagrado por meio do Ungido

Christovam Reis dos Santos Filho¹

Como parte do corpo, no qual a cabeça é aquele nos cancelou a dívida de pecado (Ef. 4:32), há alguns anos tenho experimentado de modo muito especial àquilo que o próprio Messias relatou aos fariseus que o interpelavam, isto é, a liberdade que vem da verdade. E esta verdade mostra que após a ascensão do Mestre, seus discípulos passariam a viver o sagrado de modo diferente da religião dos judeus e de qualquer outra religião conhecida no mundo romano até então.

Agora nós somos sacerdotes e temos acesso irrestrito e direto com o próprio Criador. Isso é algo completamente novo no mundo religioso. Para compreender isto precisamos atentar em alguns aspectos, nos quais pretendo esboçar a seguir. Contudo deixo esclarecido que tudo a ser dito reflete uma vivência pessoal com os irmãos na fé, vivência que me faz sentir cada vez mais responsável pela propagação da boa nova, livre das amarras humanas centradas em pessoas que por torpe ganância querem arrebanhar os fiéis (Tito 1: 11) a aguilhão infrutífero.

Inicialmente, acho pertinente falar um pouco sobre o sagrado. Esta palavra é rica de significados e muito estudada no mundo religioso e acadêmico. Rudolf Otto (1869-1937), um filósofo alemão, no começo do XX, usou um termo específico para explicar o sagrado. Ele disse que o numinoso é a essência do sagrado, pois esta não pode ser definida, mas apenas descrita e se compõe de elementos nas quais a razão não alcança (OTTO, 2007). Com isso ele quer dizer que o sagrado é aquilo que diz respeito à esfera religiosa e o numinoso é uma maneira na qual o homem sente ou se comporta frente a Deus.

É necessário entender isso, pois as religiões, todas elas, são tentativas de descrever ou entender o sagrado. Os rituais e a chamada adoração são formas de explicar a presença ou o poder da divindade entre os homens. Essa é a base da religião. E onde a igreja fundada pelo nosso Salvador entra nesse contexto? Aqui que o evangelho se torna uma arma poderosa para os crentes, pois Jesus é a encarnação do sagrado, uma vez que o Pai em sua forma pura é incompreensível aos olhos humanos. O Salvador é o caminho para o Pai (João 14:6), isso porque apenas por ele chegamos perto da plenitude numinosa.

Podemos dizer que ao seguirmos os passos do nosso Mestre, nós também passamos a experimentar do numinoso (que literalmente quer dizer: cheio de divindade). A experiência numinosa nos traz o sagrado, algo que sinalizamos coletivamente como uma amostra do numinoso. Na religiosidade tradicional os templos são espaços sagrados, pois neles se manifesta o sagrado, conforme explica bem o historiador romeno Mircea Eliade (1979).

Contudo, como ser igreja sem um espaço sagrado? É possível? Pelos relatos bíblicos percebemos que sim, uma vez que os irmãos estavam fora do sistema religioso judaico que era detentor do templo de Jerusalém. Um exemplo disso é o relato de Atos 5, no qual expressa o confronto do sinédrio, administradores do templo, e os enviados do Messias, João e Pedro. Esse episódio é a clara demonstração que o numinoso estava sendo vivido pelos discípulos, porém os líderes judeus relegavam o sagrado ao espaço físico do templo, e o milagre ocorrido naquele dia foi sem a mediação do sacerdote. “Essa palavra vem do Latim SACERDOS, ‘sacerdote’, literalmente ‘aquele que oferece sacrifícios’, de SACER, ‘sagrado’, mais a raiz de DARE, ‘dar, oferecer’” (ORIGEM DA PALAVRA, Sacerdote, 2020).

A verdade da qual Pedro pregou não era assimilada pelos líderes do templo. Estes queriam que os boatos acerca do nazareno fossem eliminados, mas algo de misterioso levava os seus discípulos a propagar ainda mais daquela experiência numinosa. Era um embate da qual embarçava, pois os líderes também temiam ao Criador, mas não aceitavam a Sua manifestação.

O sagrado para os judeus era centralizado pelo templo. Basta lembrar o episódio da inauguração feita por Salomão (2 Crônicas 5). A glória de Deus desceu ao templo, tornando-o sagrado, diferente das demais construções. Mais de mil anos depois, veio um nazareno alegando que a sacralidade não estava nas paredes do templo, mas nele próprio (Jo 2: 13-22). E após sua morte, seus discípulos perpetuaram a notícia e viviam o sagrado pelos sinais, não pelos sacrifícios ocorridos no templo. Isso era para colocar em parafuso o entendimento judeu acerca do sagrado. Imagine: Se o templo não é mais sagrado, pois o Messias deixou alguns pescadores para revelar que a verdadeira adoração não carecia mais do templo, e sim da fé na ressurreição, como esses líderes ensinariam ao povo sobre o sagrado?

Cabe destacar que boa parte do discurso messiânico foi contra a centralização do templo. Isso é analisado até no campo acadêmico. Vemos isso, por exemplo, nas palavras de Pontes (2018, p. 42) que diz

a prática discursiva de Jesus foi feita para subverter, radicalmente, o sistema ideológico-religioso que constituía o sistema dominante, na formação social de Israel. Esse sistema centrava-se no Templo, sendo por ele ligado aos outros sistemas da estrutura social. O objetivo da prática de Jesus era, precisamente, a eliminação do Templo e, juntamente com ele, do sistema de inclusão-exclusão, organizado pela Lei.

O sistema social do templo era combatido por Jesus justamente por seus administradores serem socialmente excludentes e moralmente corruptos. Basta lermos o que Jesus dizia dos escribas e fariseus (Mt 23: 1-4). Seguir a linha de pensamento de que o templo era sagrado era ser conivente com todas as mazelas que as classes dominantes de Israel praticavam. Daí o confronto deles com Pedro e João durante a cura do paraplégico. Um homem pobre, excluído há anos da política de Israel (Amós 5:12), está a porta e pessoas simples dão a ele, pelo Espírito, o suprimento essencial para poder participar da sociedade da Judeia

Como já lemos no relato bíblico, a ignorância e a ganância imperaram nos líderes do templo e os enviados apanharam e foram ameaçados de morte (At. 5: 40) Contudo o sentimento numinoso continuou entre os discípulos. É nesse contexto que a igreja cresce. A igreja então era a comunidade sagrada pela fé na morte e ressurreição de Jesus.

Agora podemos expor melhor o título deste texto. O templo era o sagrado em sua forma estática, fixa, limitado, sob a administração de um conjunto específico de homens, que ditava o que era correto ou não. A igreja é uma construção de outra natureza, completamente diferente do templo, pois sua edificação é espiritual, ou seja, o numinoso opera em outro ritmo, pois sua estrutura não é de pedra e cimento, como era o de outrora.

A igreja é dinâmica, volante, ilimitada e sob a administração direta de seu fundador. O corpo do Ungido é materializado em pessoas, não em estruturas de concreto. O numinoso é operante continuamente na vida de seus membros. O Sagrado é a presença física da congregação em prol da liberdade a ser conhecida a cada dia.

Intitulamos a igreja como fluída devido à facilidade que ela tem de se acomodar as estruturas sociais existentes. A fluidez da igreja permite ela se apresentar em qualquer lugar, em qualquer dia, sem restrições judiciais ou políticas. Ela se acomoda as adversidades sociais existentes, chega às mais variadas classes sociais e sobrevive a quaisquer impedimentos a ela impostos. A prova disso é que ela sobreviveu às perseguições de Paulo, de Roma, da Inquisição e até mesmo da chamada Ciência. E

ainda resiste aos acusadores formados por pessoas que querem cercar o povo do Criador em templos.

A igreja reflete ao seu edificador. Por meio de Cristo, o sagrado está no nosso meio, quando reunidos em seu nome e quando por ele atuamos e propagamos sua mensagem. A igreja é fluida porque o Salvador no resgatou da fixidez templária que avalia a santidade dos homens pelo cumprimento dos rituais no templo, e não em espírito e em verdade, conforme assim nos foi revelado.

A igreja é fluida porque cada membro é sacerdote e por ele o sagrado é manifesto. Nós fazemos o sagrado acontecer, uma vez que em nós habita seu Espírito (1Co 3:16). Não há intermediadores entre nós e Deus, muito menos um local concreto que seja mais especial que outros, pois o Mestre nos ensinou que “onde se reunirem dois ou três em meu nome, ali eu estou no meio deles” (Mateus 18: 20). Isso quer dizer os locais específicos para realização de rituais religiosos retrocedem ao entendimento daqueles que mandaram bater em Pedro e João, pois continuam na ignorância e na fixidez do templo como local sagrado.

Portanto, testemunho que a igreja da qual sou pedra viva é fluida e sagrada pela liberdade que o conhecimento do Ungido nos proporciona. E convivo a você leitor a experienciar essa verdade pregada pelo Salvador a mais de dois mil anos, mas ainda tão nova em nossos dias.

Referências

BÍBLIA SAGRADA. **Bíblia Sagrada**: nova versão internacional. São Paulo: Sociedade Bíblica Internacional, 2002.

ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. Lisboa: Livros do Brasil, 1979.

OTTO, Rudolf. **O sagrado**: os aspectos irracionais na noção do divino e sua relação com o racional. 2. ed. São Leopoldo: Sinodal/EST; Petrópolis: Vozes, 2007.

PONTES, Beatriz Maria Soares. Movimento social judeu que resultou no cristianismo primitivo: da pregação da “boa nova” por Cristo, nos territórios da Palestina do século I, à interpretação do seu discurso, no século XXI. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 7, n. 1, p. 6-47, 2018.

SACERDOTE, Dicionário etimológico online Origem da Palavra. Disponível em: <<https://origemdapalavra.com.br/palavras/sacerdote/>>. Acesso em: 15/03/2020.

¹ Discípulo do Salvador, Doutorando em Geografia pela Universidade Estadual do Ceará e professor da Rede Estadual de Ensino do Ceará. E-mail: santosfilho20@gmail.com